

O perfil atual do estudante de Medicina e sua repercussão na vivência do curso

The current profile of the Medicine student and its repercussion in the experience of the course

Rhyan Meninea do Rego¹, Natália Alves Marques¹, Perla da Costa Monteiro¹, Céres Larissa Barbosa de Oliveira¹, Nara Alves de Almeida Lins¹, Cezar Augusto Muniz Caldas¹

Resumo Objetivo: Descrever o perfil do estudante de Medicina e a sua repercussão na trajetória acadêmica. **Método:** Foi realizado um estudo transversal e descritivo através da aplicação de questionário a estudantes do curso de Medicina do segundo ao quinto semestre do curso, com coleta de dados no período de outubro de 2017 a fevereiro de 2018. **Resultados:** Participaram 154 alunos, sendo 50,6% do sexo masculino e com média de idade de 21,5±3,0 anos, observando-se que 30% considera seu desempenho regular e 37,5% moram em casa alugada ou cedida por terceiros, ao passo que a grande maioria mora distante da Universidade (61%), utiliza transporte público coletivo (70,1%) e relatam queixas relacionadas à má qualidade do sono (74,7%), bem como dificuldade em frequentar as aulas (39%). Destaca-se que 30,9% possui renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, sendo que a maioria não exerce trabalho remunerado (94,2%). **Conclusão:** Conclui-se que as condições socioeconômicas já não são, universalmente, aquelas das classes mais altas da sociedade, o que pode ajudar a compreender as dificuldades enfrentadas por vários estudantes.

Descritores: educação médica; classe social; fatores socioeconômicos; desempenho acadêmico.

Summary Purpose: To describe the medical student profile and its repercussion in the academic trajectory. **Methods:** A cross-sectional descriptive study was done, using a survey that medical students from the second to the fifth semester answered it. The data was collected from October 2017 to February 2018. **Results:** 154 students with the average age of 21.5±3.0 years old participated on the survey; 50.6% of them were men, 30% consider their achievement regular, 37.5% live in rented houses or lent by third parties, most of them live far from the university (61%) and use public transportation (74%), 39% report difficulties to attend the classes. We highlight that 30.9% are from families that their monthly revenue is 1 to 3 minimum salaries. **Conclusion:** We conclude that the socio-economic conditions today are not those of the highest classes of the society, what may help us to understand the difficulties faced by several students.

Keywords: education, medical; social class; socioeconomic factors; academic performance.

¹Universidade Federal do Pará – UFPA, Faculdade de Medicina, Departamento de Clínica Médica, Belém, PA, Brasil

Fonte de financiamento: Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará através do Programa Institucional de Bolsa de Extensão – PIBEX, edital PROEX 01/2017.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Recebido: Março 13, 2019

Aceito: Março 15, 2019

Trabalho realizado na Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA, Brasil.

Introdução

Em geral, os cursos de Medicina apresentaram por muitos anos um perfil predominante de estudantes: sexo masculino, de classes sociais mais elevadas, provenientes de grandes centros urbanos¹. Entretanto, atualmente percebe-se uma mudança neste perfil, em especial nas instituições públicas, relacionadas a mudanças nos processos de admissão, como ações afirmativas e sistemas de cotas, visando ampliar o acesso às instituições públicas de ensino superior. Estas mudanças trazem consigo a necessidade de conhecimento sobre possíveis novas variáveis, a fim de moldar o ensino médico a novos modelos educacionais mais adequados à situação atual e assim suprir as necessidades da saúde mental do estudante e reverter insatisfações por parte da comunidade acadêmica².

Esta mudança no perfil dos estudantes brasileiros ocorreu principalmente nas últimas décadas, fruto das políticas que visam democratizar o ingresso ao ensino superior, como a implantação de cotas e reservas de vagas. Tais medidas trouxeram ao curso maior pluralidade e, com esta, o desafio da superação de dificuldades que anteriormente não se apresentavam tão comumente entre os discentes. Torna-se então, frequente a preocupação com fenômenos, por exemplo, como a evasão³, visto que as diferentes variáveis pessoais, sociais ou ligadas à rotina do curso, podem ser motivo de distanciamento da universidade^{3,4}.

Dessa forma, torna-se então o objetivo da presente pesquisa a descrição do perfil do estudante de Medicina de uma universidade pública e a sua repercussão na trajetória acadêmica.

Métodos

Foi realizado um estudo transversal e descritivo com estudantes de Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA) cursando do segundo ao quinto semestre, com coleta de dados no período de outubro de 2017 a fevereiro de 2018.

Os estudantes foram abordados após períodos de aulas, quando eram orientados sobre objetivos, riscos e benefícios da pesquisa. Para aqueles que concordaram em participar, foi solicitado consentimento através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento do questionário elaborado pelos autores.

O universo foi constituído por cerca de 300 alunos, sendo que 170 preencheram o questionário. Destes, 16 foram excluídos devido preenchimento incorreto, restando 154 questionários, correspondentes a amostra analisada.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da UFPA, sob o número 2.262.703 (CAAE 75057317.5.0000.0018) em 06/09/2017. Os dados recolhidos foram organizados e analisados através de planilhas do *Microsoft Excel 2007*[®].

Resultados

Tabela 1. Características dos estudantes analisados com relação a gênero, idade, semestre em curso, procedência e moradia, no período outubro de 2017 a fevereiro de 2018, na Universidade Federal do Pará

| Variável | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|--|-----------------|-----------------|
| Gênero | | |
| Masculino | 78 | 50,6 |
| Feminino | 76 | 49,4 |
| Idade (média±desvio-padrão) | 21,5 ± 3,0 anos | |
| Semestre | | |
| Segundo | 47 | 30,5 |
| Terceiro | 45 | 29,2 |
| Quarto | 35 | 22,7 |
| Quinto | 27 | 17,5 |
| Procedência | | |
| Capital (Belém-Pará) | 128 | 83,1 |
| Interior do estado do Pará | 24 | 15,6 |
| Não responderam | 2 | 1,3 |
| Moradia | | |
| Própria | 99 | 64,3 |
| Alugada | 42 | 27,3 |
| Cedida | 13 | 8,4 |
| Tipo de moradia | | |
| Alvenaria | 148 | 96,1 |
| Madeira | 5 | 3,2 |
| Mista | 1 | 0,6 |
| Quantidade de pessoas que coabitam no domicílio | | |
| Nenhuma | 13 | 8,4 |
| 1-3 | 92 | 59,7 |
| 4-7 | 45 | 29,2 |
| 8-10 | 1 | 0,6 |
| Mais de 10 | 3 | 1,9 |

Fonte: Questionário de pesquisa.

Tabela 2. Características socioeconômicas dos estudantes e seus pais, no período outubro de 2017 a fevereiro de 2018, na Universidade Federal do Pará

| Variável | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|---|----------------|-----------------|
| Desempenha trabalho remunerado? | | |
| Sim | 8 | 5,2 |
| Não | 145 | 94,2 |
| Não responderam | 1 | 0,6 |
| Recebe bolsa de assistência da universidade? | | |
| Sim | 17 | 11 |
| Não | 137 | 89 |
| Tem acesso à internet em casa? | | |
| Sim | 144 | 93,5 |
| Não | 10 | 6,5 |
| Qual a escolaridade da sua mãe? | | |
| Ensino Fundamental incompleto | 16 | 10,5 |
| Ensino Fundamental completo | 3 | 2 |
| Ensino Médio incompleto | 4 | 2,6 |
| Ensino Médio completo | 45 | 29,6 |
| Ensino Superior incompleto | 4 | 2,6 |
| Ensino Superior completo | 80 | 52,6 |
| Qual a escolaridade do seu pai? | | |
| Ensino Fundamental incompleto | 17 | 11,3 |
| Ensino Fundamental completo | 1 | 0,7 |
| Ensino Médio incompleto | 13 | 8,6 |
| Ensino Médio completo | 51 | 33,8 |
| Ensino Superior incompleto | 8 | 5,3 |
| Ensino Superior completo | 61 | 40,4 |
| Renda familiar? | | |
| Até 1 salário mínimo | 6 | 3,9 |
| De 1 a 3 salários mínimos | 47 | 30,9 |
| De 3 a 6 salários mínimos | 39 | 25,7 |
| De 6 a 9 salários mínimos | 25 | 16,4 |
| Mais de 9 salários mínimos | 35 | 23,0 |

Fonte: Questionário de pesquisa.

Tabela 3. Opinião dos estudantes sobre o seu desempenho acadêmico, no período outubro de 2017 a fevereiro de 2018, na Universidade Federal do Pará

| Opinião sobre seu desempenho no curso | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|---------------------------------------|----------------|-----------------|
| Regular | 45 | 29,2 |
| Bom | 73 | 47,4 |
| Ótimo | 23 | 14,4 |
| Excelente | 3 | 1,9 |
| Não responderam | 10 | 7,1 |
| TOTAL | 154 | 100 |

Fonte: Questionário de pesquisa.

Tabela 4. Acesso aos locais de aula, frequência às aulas, descanso e prática de atividade física entre os estudantes, no período outubro de 2017 a fevereiro de 2018, na Universidade Federal do Pará

| Variável | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|--|----------------|-----------------|
| Distância da faculdade para sua moradia | | |
| 4 km | 58 | 37,7 |
| 6 km | 32 | 20,8 |
| 8 km | 11 | 7,1 |
| 10 km | 12 | 7,8 |
| 12 km | 8 | 5,2 |
| Mais de 12 km | 31 | 20,1 |
| Não responderam | 2 | 1,3 |
| Meio de transporte | | |
| Caminhada | 3 | 1,9 |
| Bicicleta | 3 | 1,9 |
| Transporte coletivo | 108 | 70,1 |
| Carro particular | 58 | 37,6 |
| Motocicleta | 1 | 0,6 |
| Tempo de traslado de sua moradia aos locais de aula (minutos) | | |
| 1-14 | 13 | 8,4 |
| 15-29 | 51 | 33,1 |
| 30-44 | 36 | 23,4 |
| 45-60 | 21 | 13,6 |
| 60-90 | 14 | 9,1 |
| Mais de 90 | 11 | 7,1 |
| Não responderam | 8 | 5,3 |
| Quantas horas de sono você tem por dia? | | |
| 3 | 2 | 1,3 |
| 4 | 38 | 24,7 |
| 5 | 60 | 39 |
| 6 | 39 | 25,3 |
| 7 | 13 | 8,4 |
| 8 | 2 | 1,3 |
| Você considera seu período de sono satisfatório? | | |
| Sim | 12 | 7,8 |
| Parcialmente | 27 | 17,5 |
| Não | 115 | 74,7 |
| Você se sente cansado durante seus turnos de aula? | | |
| Sim | 141 | 91,6 |
| Não | 13 | 8,4 |
| Qual o seu principal período de estudo extraclasse? | | |
| Noite | 128 | 83,1 |
| Entre aulas | 23 | 14,9 |
| Dias livres e finais de semana | 60 | 39,0 |
| Você mantém uma frequência adequadas às aulas? | | |
| Sim | 92 | 59,7 |
| Parcialmente | 38 | 24,7 |
| Não | 22 | 14,3 |
| Não responderam | 2 | 1,3 |
| Você pratica atividade física? | | |
| Sim | 71 | 46,1 |
| Não | 83 | 53,9 |

Fonte: Questionário de pesquisa.

Discussão

O presente estudo apresenta um novo perfil socioeconômico dos estudantes de Medicina, o que pode estar repercutindo sobre o desempenho dos mesmos. Tais fatores precisam ser cuidadosamente analisados e levados em consideração no dia a dia do estudante, pois podem resultar em fatores estressores e prejudiciais.

O sistema de cotas pode ter contribuído para esta mudança de perfil. Em estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, estudantes cotistas apresentaram renda per capita em média três vezes inferior aos não cotistas⁵. O curso de Medicina da UFPA, desde 2005 destina 50% de suas vagas a estudantes advindos de escolas públicas, entretanto, em pesquisa feita em 2012, com 212 alunos do internato de Medicina, 80,2% declararam serem oriundos de escolas particulares, sendo também a maioria de classe econômica alta e residente na região metropolitana de Belém⁶.

Embora estudos apontem a equivalência de desempenho entre cotistas e não cotistas⁷ e as taxas de evasão do curso sejam estáveis, fatores que poderiam influenciar o desempenho de gerações anteriores de estudantes, que devido maior nível socioeconômico seriam mais facilmente contornáveis, podem não mais ser atualmente. Dessa forma, é exigido maior esforço desses alunos e pode leva-los à redução de sua qualidade de vida, queda de seu rendimento e até mesmo ao distanciamento da universidade^{3,4}.

Os resultados mostraram que houve predomínio de acadêmicos do sexo masculino na amostra, igualmente a encontrada num estudo no curso da Universidade de Brasília⁸, contudo, diferente de outros estudos, onde o predomínio do sexo feminino é o resultado comumente encontrado nas escolas médicas no Brasil⁷ e no exterior⁹. No Brasil, há um processo de aumento marcante do sexo feminino na profissão médica¹. Os homens ainda eram maioria entre os médicos em atividade em 2017, contudo, as mulheres já eram maioria entre os médicos mais jovens – representavam 57,4% no grupo até 29 anos e 53,7% na faixa entre 30 e 34 anos¹⁰.

A média de idade nesta pesquisa foi de 21,5 anos, semelhante à de 21,1 encontrada nos graduandos da cidade de Recife¹¹ e aos 83,3% dos estudantes entre 18 e 24 anos de faculdade do Nordeste¹². O estudo “Demografia médica no Brasil 2018” evidenciou o rejuvenescimento da Medicina no Brasil, com a média de idade dos profissionais caindo ao longo dos anos. Essa tendência é atribuída a entrada no mercado de trabalho de novos médicos em consequência da abertura de novos cursos nos últimos anos¹⁰.

Quanto a procedência, todos os entrevistados eram do estado do Pará, diferentemente do que vem sendo observado em outras instituições do país, as quais, devido ao Sistema de Seleção Unificada (SISU), vêm tendo a procedência de seus alunos diversificada gradualmente, como publicado em um estudo entre acadêmicos da Universidade do Estado do Mato Grosso, na qual o curso possuía alunos de vinte Estados da Federação, destacando-se Goiás, com 22 estudantes (16%) e Minas Gerais com 14 (10%)¹³.

Vale ressaltar que o provável motivo do contingente unicamente estadual dos alunos deve-se em grande parte ao bônus de 10% sobre a nota do Exame Nacional do Ensino Médio atribuída no SISU e no processo seletivo tradicional da universidade para candidatas que cursaram todo o ensino médio na região Norte do país, em tentativa de garantir o preenchimento das vagas pela demanda regional. Nesse sentido, é interessante também no presente estudo verificar que apesar da maioria dos alunos ainda ser da capital, possivelmente devido melhores condições socioeconômicas e de acesso à educação, um grupo significativo é procedente do interior do estado. Estes estudantes de fora da capital podem ter necessidades e demandas que eventualmente influenciariam na sua permanência e no seu rendimento no curso, como, por exemplo, ausência dos familiares como suporte emocional e econômico.

A renda familiar acima de 10 SM teve frequência expressiva (23%), com índices superiores aos da população brasileira e a comunidade acadêmica de outras Instituições Federais de Ensino Superior em geral¹⁴, porém semelhante a outros cursos de Medicina, como o da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que num estudo realizado em 2007, possuía 22,5% dos alunos com renda superior a 10 SM. Em nossa pesquisa, também é marcante a presença das classes sociais menos favorecidas, sendo o grupo mais numeroso o com renda entre 1 e 3 SM (30,9%), semelhante ao encontrado na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)¹⁵, que apresentava 20,5% dos estudantes nesta faixa salarial.

A maioria dos estudantes analisados não possuía trabalho remunerado, índices maiores que os da UFES, na qual, em um estudo realizado em 2007, 62% apresentavam trabalho remunerado. Ainda com relação ao perfil dos estudantes, 93,5% possuía acesso à internet em casa; apresentavam genitores com bom grau de escolaridade, 40,4% dos pais e 52,6% das mães com nível superior, índices mais elevados que em outras instituições como a UERN¹⁵, porém semelhantes aos da UFES, que apresenta 65% dos pais com nível superior².

Apesar destes dados, observou-se a baixa quantidade de bolsas assistenciais recebidas por esses estudantes (11%), média inferior à da UFPA¹⁶, assinalando a falta de suporte socioeconômico recebido pelos alunos com perfil para recebê-lo. A falta de divulgação dos serviços oferecidos pela Universidade, o baixo interesse dos estudantes, as questões burocráticas e meritocráticas que envolvem esse tipo de auxílio, podem ser razões que explicam tal ocorrência.

A política assistencial da universidade conta uma variedade de atuações. Assegurar aos estudantes condições de eficiência acadêmica e reduzir o número de reprovações e abandono motivados pelas dificuldades no acesso de bens e serviços, socioeconômicas ou pela necessidade de trabalho formal remunerado, são objetivos desse tipo de medida^{17,18}. No curso de Medicina, dificuldades dessa natureza são ainda mais prejudiciais, visto que o curso, com carga horária integral, dificulta de sobremaneira a conciliação de um emprego com a graduação.

Percebe-se que grande parte dos alunos não considera alcançar a plenitude de seu desempenho, com 29,2% classificando-o como regular, o que já é demonstrado na literatura nacional, com aproximadamente um terço dos alunos de medicina considerando o seu rendimento como regular^{2,15}. Outro dado importante é que um pequeno número de alunos considera o seu desempenho como excelente (1,9%), demonstrando, dessa forma, que poucos estudantes estão conseguindo otimizar ao máximo a sua performance educacional, informação que concorda com os resultados nacionais⁴. Em relação a esse quadro, fatores como ansiedade^{15,19,20}, carga horária excessiva de atividades acadêmicas^{15,21-23}, privação de sono e lazer²¹ são apontados como fatores que influenciam na perda da qualidade do aprendizado e no desempenho reduzidos dos estudantes.

O presente estudo constatou que a maioria dos indivíduos reside relativamente distante em relação à Universidade (61%), necessitando de transporte coletivo (70,1%), com traslado podendo durar mais de 45 minutos para mais de 20% dos entrevistados. Estes dados sugerem que fatores geográficos e de infraestrutura urbana estão relacionados à demora no trajeto realizado pelos alunos, o que acaba sendo agravado devido às condições precárias de segurança pública nos arredores da instituição, levando os alunos a procurarem por moradia distante do local de estudo. A violência nos arredores da Universidade pode ser constatada pelo estudo realizado pelo Observatório de Estudos em Defesa da Juventude Negra, que investigou 569 casos de homicídios por execução registrados entre 2011 e 2016, revelando que, do total de casos, a maioria se concentrou no bairro do Guamá, onde se localiza a UFPA²⁴.

A qualidade do sono foi avaliada na pesquisa, evidenciando que a maioria dos estudantes dorme por 4 a 5 horas por noite, ao passo que consideram seu sono insatisfatório, determinando cansaço durante as aulas, relatado por 91,6%. Estudos revelam dados semelhantes, como o realizado por Lins e Magalhães²⁵ em acadêmicos de Fisioterapia do estado do Pará, onde 89,1% dos estudantes possuíam uma má qualidade de sono, associada à sonolência diurna excessiva. Da mesma forma, revelou-se que 71,6% dos estudantes de diversos cursos de saúde no sul do Brasil consideram ter problemas relacionados ao sono²⁶.

A qualidade do sono é, indiscutivelmente, um fator determinante ao bom desempenho acadêmico na medida em que a perturbação do ciclo sono-vigília resulta em significativos dados à saúde^{26,27}. Estudos apontam para um aumento da secreção de cortisol em indivíduos que apresentam má qualidade do sono, determinando um estado de estresse físico e mental impactante sobre o desempenho intelectual e emocional^{27,28}. Além disso, uma má qualidade de sono está diretamente relacionada a ocorrência de distúrbios psiquiátricos, com destaque a depressão e ansiedade²⁹. Por fim, alterações relacionadas ao sono podem determinar aumento no consumo de substâncias psicoestimulantes como energéticos, cafeína e metilfenidato (Ritalina®) com o objetivo de melhorar o desempenho cognitivo, ainda que determine maior risco de dependência³⁰.

Finalizando, é importante ressaltar a dificuldade de encontrar literatura pertinente ao tema, especialmente de âmbito nacional, sendo esta a mais relevante para comparação de diferentes realidades. Esta dificuldade pode representar a falta de interesse dado ao tema nas últimas décadas, embora, hoje, considere-se de extrema relevância discutir esta temática, visto o sofrimento e dificuldades amplamente observadas no dia-a-dia do estudante, chegando a extremos divulgados pela mídia, como desenvolvimento de doença mental, inclusive com suicídios. Tentar compreender os estudantes de Medicina, considerando seu entorno, suas dificuldades e potencialidades, oferecendo oportunidade de otimizar seu desempenho e garantindo uma melhor saúde e bem-estar, pode também ser um caminho para futuros médicos mais saudáveis e humanos, sensíveis às dificuldades e necessidades da população.

Conclusão

O presente estudo revelou que, embora alguns aspectos tradicionalmente associados ao perfil do estudante de Medicina ainda persistam, como indivíduos jovens, do sexo masculino, filhos de famílias com bom nível socioeconômico, residentes em casa própria e procedentes da capital, deve haver atenção ao relevante número de mulheres dentre os estudantes analisados, sendo todos naturais do estado do Pará e um terço residindo em casa alugada ou cedida, com renda familiar predominante entre 1 e 3 SM, contudo, contando com baixo percentual de bolsas de assistência da universidade. Também é importante ressaltar que a maioria dos estudantes analisados dispense um tempo considerável de deslocamento para assistir às aulas, especialmente em transporte público, o que contribui para a perda de horas de sono, influenciando em cansaço e falta de tempo e disposição para a salutar prática de atividade física regular e, em última análise, contribuindo para que quase um terço considere seu desempenho aquém do esperado, classificando-o apenas como regular.

Referências

1. Ferreira RA, Peret Fo L, Goulart E, Valadão M. O estudante de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: perfil e tendências. *Rev Assoc Med Bras*. 2000;46(3):224-31. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-4230200000300007>. PMID:11070513.
2. Fiorotti KP, Rossoni RR, Miranda AE. Perfil do estudante de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. *Rev Bras Educ Med*. 2010;34(3):355-62. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022010000300004>.
3. Bardagi MP, Hutz CS. "Não havia outra saída": percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. *Psico-USF*. 2009;14(1):95-105. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712009000100010>.
4. Brasil. Relatório síntese dos resultados: ANASEM 2016 Avaliação Nacional Seriada dos Estudantes de Medicina. Brasília: INEP; 2016.
5. Chazan ACS, Campos MR. Qualidade de vida de estudantes de medicina medida pelo WHOQOL-bref-UERJ, 2010. *Rev Bras Educ Med*. 2013;37(3):376-84. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022013000300010>.
6. Monteiro MRCC, Santos RPO, Silva CCB. Formação médica e concepção de saúde no internato de Medicina-UFPA. *Anais CBMFC*. 2013;12:1121.
7. Lima MCP, Domingues MS, Cerqueira ATAR. Prevalence and risk factors of common mental disorders among medical students. *Rev Saude Publica*. 2006;40(6):1035-41. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000700011>. PMID:17173160.
8. Bampi LNS, Baraldi S, Guilhem D, Araújo MP, Campos ACO. Qualidade de vida de estudantes de Medicina da Universidade de Brasília. *Rev Bras Educ Med*. 2013;37(2):217-25. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022013000200009>.
9. Dini PS, Batista NA. Graduação e prática médica: expectativas e concepções de estudantes de Medicina do 1 ao 6 ano. *Rev Bras Educ Med*. 2004;28(3):198-203.
10. Scheffer M, Cassenote A, Guilloux AGA, Biancarelli A, Alonso Miotto B, Marcelino Mainardi G. Demografia Médica no Brasil 2018. São Paulo: FMUSP, CFM, Cremesp; 2018. 286 p.
11. Alves JGB, Tenório M, Anjos AG, Figueroa JN. Qualidade de vida em estudantes de Medicina no início e final do curso: avaliação pelo Whoqol-bref. *Rev Bras Educ Med*. 2010;34(1):91-6. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022010000100011>.
12. Pereira FEL, Ribeiro RC, Oliveira LMS, Araujo Fo JL, Tabosa MNR, Gouveia Fo PS, et al. Correlatos da qualidade de vida com características de saúde e demográficas de estudantes de medicina. *Rev Bras Qual Vida*. 2017;9(3):1. <http://dx.doi.org/10.3895/rbqv.v9n3.6747>.
13. Almeida IMQ, Silva FA. Ingressantes no curso de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior Pública. *Revista Ciência e Estudos Acadêmicos de Medicina*. 2017;1(8):10-9.
14. Franco AMP, Cunha S. Perfil socioeconômico dos graduandos da IFES. Brasília: Ipea; 2017.
15. Cardoso Fo FAB, Magalhães JF, Silva KML, Pereira ISSD. Perfil do estudante de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2013. *Rev Bras Educ Med*. 2015;39(1):32-40. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e01092014>.
16. Universidade Federal do Pará. Relatório de gestão da UFPA do exercício de 2017. Belém: UFPA; 2018.
17. Imperatori TK. A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. *Serv Soc Soc*. 2017;(129):285-303. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.109>.
18. Vargas MLF. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. *Aval. Rev. Aval. Educ. Super*. 2010;16(1):10518.
19. Aktekin M, Karaman T, Senol YY, Erdem S, Erengin H, Akaydin M. Anxiety, depression and stressful life events among medical students: a prospective study in Antalya, Turkey. *Med Educ*. 2001;35(1):12-7. <http://dx.doi.org/10.1046/j.1365-2923.2001.00726.x>. PMID:11123589.

20. Bezerra DS, Bonzi ARB, Bezerra ÁLA, Brito RASM, Pinto DS. O obscuro universo da Medicina: uma revisão integrativa da literatura. In: Anais do II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde; 2017; Campina Grande. Campina Grande: Realize; 2017.
21. Andrade JBC, Sampaio JJC, Farias LM, Melo LP, Sousa DP, Mendonça ALB, et al. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2014;38(2):231-42. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022014000200010>.
22. Guthrie E, Black D, Bagalkote H, Shaw C, Campbell M, Creed F. Psychological stress and burnout in medical students: a five-year prospective longitudinal study. *J R Soc Med.* 1998;91(5):237-43. <http://dx.doi.org/10.1177/014107689809100502>. PMID:9764076.
23. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. IV Pesquisa do perfil sócioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras 2014. Uberlândia: FONAPRACE; 2016.
24. D'Almeida D. Execuções mancham Belém de sangue. Mapa aponta áreas vermelhas; veja! *Diário do Pará*, Belém; 2018.
25. Lins AL, Magalhães ÁB. Qualidade do sono e sonolência diurna em estudantes de fisioterapia de uma instituição na Amazônia Brasileira. *Journal of Health & Biological Sciences.* 2017;5(3):241-6. <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v5i3.1308.p241-246.2017>.
26. Bardini R, Pereira TF, Sakae TM, Remor KVT. Prevalência de sonolência excessiva diurna e fatores associados em adolescentes universitários do sul catarinense. *Arq Catarin Med.* 2017;46(1):107-24.
27. Voderholzer U, Piosczyk H, Holz J, Feige B, Loessl B, Kopasz M, et al. The impact of increasing sleep restriction on cortisol and daytime sleepiness in adolescents. *Neurosci Lett.* 2012;507(2):161-6. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neulet.2011.12.014>. PMID:22198375.
28. Eek F, Karlson B, Garde AH, Hansen ÅM, Ørbæk P. Cortisol, sleep, and recovery: some gender differences but no straight associations. *Psychoneuroendocrinology.* 2012;37(1):56-64. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psyneuen.2011.05.003>. PMID:21641118.
29. Vilchez-Cornejo J, Quiñones-Laveriano D, Failoc-Rojas V, Acevedo-Villar T, Larico-Calla G, Mucching-Toscano S, et al. Salud mental y calidad de sueño en estudiantes de ocho facultades de medicina humana del Perú. *Rev Chil Neuro-psiquiatr.* 2016;54(4):272-81. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-92272016000400002>.
30. Morgan HL, Petry AF, Licks PAK, Ballester AO, Teixeira KN, Dumith SC. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. *Rev Bras Educ Med.* 2017;41(1):102-9. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160035>.

Autor correspondente

Cezar Augusto Muniz Caldas
Universidade Federal do Pará – UFPA, Faculdade de Medicina, Departamento de Clínica Médica
Av. Generalíssimo Deodoro, 01, Umarizal
CEP 66050-160, Belém, PA, Brasil
Tel.: (91) 3201-6807/(91) 99915-7041
E-mail: cezarcaldas@ufpa.br; cezar_caldas@yahoo.com.br

Informação sobre os autores

RMR é graduando em Medicina; NAM é graduanda em Medicina; PCM é graduanda em Medicina; CLBO é graduanda em Medicina; NAAL é mestra em Biologia Celular e Neurociências; CAMC é doutor em Ciências Médicas.

Contribuição dos autores

NAAL e CAMC foram responsáveis pela concepção e desenho do estudo; RMR, NAM, PCM, CLBO, NAAL e CAMC realizaram a análise e interpretação dos dados; RMR, NAM, PCM e CLBO coletaram os dados; RMR, NAM, PCM, CLBO, NAAL e CAMC redigiram o manuscrito; RMR, NAM, PCM, CLBO, NAAL e CAMC realizaram a análise estatística; NAAL e CAMC realizaram a revisão crítica do texto; RMR, NAM, PCM, CLBO, NL e CAMC aprovaram a versão final do manuscrito; NAAL e CAMC são os responsáveis gerais sobre o estudo.

Todos os autores leram e aprovaram a versão final submetida ao *Pará Research Medical Journal*.